

## **Gênero, Sexualidade e Religiões**

### **A influência dos líderes religiosos na reprodução e legitimação da subalternidade da mulher**

Ana Carolina Ribeiro Ruzycki<sup>1</sup>  
Claudia Neves da Silva<sup>2</sup>

#### **1. INTRODUÇÃO**

O presente resumo expandido tem como foco os líderes religiosos e sua influência na legitimação da subalternidade da mulher. Esse tema é relevante em nossa sociedade porque é constatado que a maior parte dos/das brasileiros declaram ter uma religião (IBGE, 2010) e tendo essa realidade em perspectiva, observamos que a relação com os líderes religiosos pode influenciar diretamente em nossa compreensão sobre o papel da mulher e como são construídas suas subjetividades.

Como consequência das discussões do grupo de pesquisa que participamos - “Gênero e Religião: uma relação conflituosa e desigual” - alguns questionamentos brotaram: como os líderes religiosos reproduzem e disseminam as normas e valores que reforçam a subalternidade da mulher na sociedade? O estudo que realizamos teve como objetivo investigar as estratégias utilizadas pelos líderes religiosos para reproduzir e legitimar as normas e valores que reforçam a subordinação das mulheres à doutrina religiosa.

Ao longo do resumo apresentaremos algumas categorias que utilizamos para embasar nosso arcabouço teórico. A seguir, apresentaremos as entrevistas feitas com um líder religioso da Igreja Discípulos, dois pastores da Convenção Batista Brasileira, um pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil e dois padres da Igreja Católica da Arquidiocese de Londrina. Decidimos realizar uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas. Primeiramente, foi necessário a definição da amostragem: selecionamos 4 líderes religiosos de igrejas pentecostais e 2 de igrejas

---

<sup>1</sup>Estudante do 4º ano do curso de Serviço Social/Uel. Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq. Email de contato: [ana.carolina.ruzycki@uel.br](mailto:ana.carolina.ruzycki@uel.br)

<sup>2</sup> Profa. do Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Política Social/Uel. Email de contato: [claudianevers@uel.br](mailto:claudianevers@uel.br).

católicas. Por fim, foi feita a sistematização e análise dos dados coletados<sup>3</sup>. Ressaltamos que as entrevistas foram concedidas entre janeiro e fevereiro de 2024 e no texto em tela não informaremos seus nomes, em conformidade com as determinações do Comitê de Ética em Pesquisa.

## 2. ALGUNS APONTAMENTOS

É notável que no contexto brasileiro o cristianismo sempre foi a maior religião presente. Segundo dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010<sup>4</sup>, temos que a maior parte da população brasileira pertence a alguma igreja cristã, ou seja, Católico ou Evangélico; e além de considerar o efervescente movimento que aconteceu durante as eleições presidenciais no Brasil em 2018, quando Jair Messias Bolsonaro foi eleito com pautas religiosas, que levantava a frase “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”. Vemos a partir dessa conjuntura, um grande número de homens e mulheres defendendo ideias conservadoras.

Em nossa análise, consideramos que o conservadorismo é uma categoria histórica e deve ser entendida a partir do movimento da história, que é “posicional, e a ideologia do movimento político conservadores se desenvolvem em resposta ou resistência a situações históricas de mudanças na estrutura social e política” (Biroli; Machado; Vaggione, 2020, p.24).

A palavra mais utilizada atualmente para se referir ao movimento de contracultura é o neoconservadorismo, que visa manter a ordem patriarcal e o sistema capitalista, entendendo que o mesmo se alinha com as exigências do neoliberalismo (Biroli; Machado; Vaggione; 2020. p.25, 26).

Sendo assim, esse termo se aplica em muitas dimensões, partindo da regulação da ordem sexual, a partir das idéias neoconservadoras temos que ela é baseada na heteronormatividade patriarcal, carregando a partir dessa definição a ideia de subalternidade da mulher dentro das relações de gênero.

---

<sup>3</sup> No presente resumo faremos um recorte preliminar de falas que nos instigaram a aprofundar a análise das entrevistas em um artigo futuro.

<sup>4</sup> Utilizamos do Censo Demográfico do IBGE de 2010 porque ainda não publicaram os dados oficiais do censo de 2022.

Crescemos em uma sociedade que constrói e reproduz as identidades e subjetividades de meninas e meninos, partindo de uma noção do que é ser homem ou mulher, tendo a mulher sua identidade construída a partir de ser mãe, gerar e cuidar (Carneiro; Negreiros, 2004), formadas para “esquentar a barriga no fogão e esfriar no tanque”, ditado popular proferido por muitas décadas . No sentido contrário, o menino é formado para prover, proteger, liderar, criados para serem independentes.

### **Primeiras Aproximações**

Na fala dos seis, podemos perceber que quando questionados quanto a importância da mulher na sociedade, reconhecem sua importância, porém ainda colocam a mulher em uma posição mais “sensível” das atividades. Como podemos observar na fala do Pastor da Convenção Batista<sup>5</sup> que afirma que a mulher tem um

papel de cooperadora [...] Mas, claro que a mulher tem em função das características natas da própria mulher, desde a questão física, biológica, psicológica, ela tem um papel diferenciado, né, que é essa coisa de mãe, de cuidado, do amor, de dar uma base maior pra família, até mesmo nas nossas comunidades, nas nossas igrejas, a gente tem uma realidade que grande parte dos membros, a maioria, são mulheres [...].

Porém, na fala do líder católico, observamos que ele entende esses papéis como um reflexo da sociedade patriarcal e da desigualdade de gênero e cita que a igreja é um “recorte da sociedade”:

nossa sociedade é formada a partir do patriarcalismo, esse instrumento que organiza a sociedade, a mulher se torna secundária, vivemos em uma sociedade machista, homofóbica, racista e isso acaba prejudicando principalmente a mulher preta pobre periférica, numa sociedade violenta que acaba também formando a igreja, a igreja é um recorte da sociedade, o que acontece na sociedade, acontece dentro da igreja. Claro que a igreja, através da perspectiva de uma ideologia religiosa, acaba legitimando o machismo, o patriarcalismo e daí a mulher se torna um anexo, a mulher ganha menos, a mulher é baixo número de mulheres na gestão, espaços de poder nos três poderes e também na religião

Nesta fala, podemos entender que o padre traz uma crítica às vivências da igreja. Ele reconhece que a mulher preta e pobre está mais à margem de uma

---

<sup>5</sup> Relembro que estas são informações fornecidas por meio de entrevista concedida e autorizada o uso pelos líderes religiosos.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

sociedade capitalista, patriarcal e racista<sup>6</sup>. Também notamos que, embora haja exemplos de liderança feminina em algumas denominações religiosas, como na Igreja Presbiteriana, a falta de representação e poder das mulheres na hierarquia religiosa ainda é extremamente presente, principalmente na Igreja Católica Apostólica Romana, a qual não existe a presença feminina nos cargos de poder, sendo eles, padres, bispos, papa, entre outros, que são ocupados por homens.

Portanto, observamos que mesmo que tenhamos avançado na conquista de alguns direitos, a configuração patriarcal ainda está presente estruturalmente e reflete no cotidiano.

Quando questionamos como as mulheres conciliam o que ouvem e aprendem nesse espaço religioso com o seu cotidiano, temos respostas que valorizam o “sexto sentido” da mulher, como se as funções que elas exercem circundam que o feminino é dotado de sensibilidade, de perceber com mais facilidades as tarefas domésticas e maternais. Como fica explícito na fala no Pastor Presbiteriano

...o fato da mulher ter sido criada em um segundo momento, ela ter sido ‘dada’ ao homem como ajudadora e tal, e decorre disso o entendimento que a mulher é um ser humano de segunda linha, lógico que isso não é dito abertamente mas a compreensão que se tem é essa, que a mulher é só pra gerar filhos, para ficar em casa, pra cuidar dos filhos.

Como podemos verificar, a presença de mulheres na igreja é importante porque participam de uma instituição social, construída e regida por homens, em sua maior parte, que enfatizam, na maioria das vezes, um papel de subalternidade na sociedade e dentro da igreja.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reprodução das normas religiosas fundamenta-se em um caminho a ser seguido para atingir a salvação, e o que é exposto pelos líderes acaba por refletir e determinar o comportamento das pessoas que seguem e acreditam nesses líderes. Como podemos verificar, a configuração patriarcal de gênero ainda é fortemente reproduzida e disseminada pelos líderes religiosos.

---

<sup>6</sup> Podemos nos aprofundar mais nesses debates lendo obras de Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, entre outras.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

As características ditas “naturais” ainda demarcam como serão as tarefas diárias dos relacionamentos heterossexuais, seguindo uma normativa explícita da mulher enquanto ajudante do homem, realizando suas tarefas domésticas.

A partir das entrevistas, foi possível captar o quanto precisamos estar atentos ao movimento das igrejas, porque nelas é onde podemos observar o recorte da sociedade. É possível perceber que o local em que a mulher está inserida é no cuidado, no educar, no ser mãe e dona de casa, enquanto o homem está posto para provedor e líder, mesmo que na sociedade vejamos um movimento de aumento dessa igualdade entre homens e mulheres.

## REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

VAGGIONE, Juan Marco; BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos. *Gênero, neoconservadorismo e democracia*. São Paulo: Boitempo, 2020.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; FERES-CARNEIRO, Terezinha. Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos de Psicologia*, [online], v. 4, n. 1, 2004. ISSN 1808-4281. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004) Acesso em: 08/06/2024